



INFORMATIVO ESPÍRITA

Informativo Mensal do Grupo Espírita Peixotinho (GEP) – Ano XIV – Nº 141 – Maio – 2018

A Forma de Deus

Certo dia, em um grupo de estudos, uma garota me fez a seguinte colocação: *“Sempre falamos de Deus como sendo o nosso Pai. Quando imaginamos um pai damos a ele uma forma humana, masculina, de acordo com a imagem de pai que permeia o nosso imaginário. Mas, enfim, qual é a forma de Deus?”*

Surpreendido com a pergunta, me comprometi a apresentar-lhe uma resposta na semana seguinte. Obviamente que, nunca tendo visto Deus em pessoa, não poderia oferecer uma resposta definitiva e peremptória. Então, baseando-me num texto do Emmanuel¹, ensaiei a seguinte resposta:

Deus tem a forma da nossa necessidade. Diz-nos Emmanuel que desde o princípio dos tempos o homem sempre teve uma concepção antropomórfica de Deus. Costumeiramente percebemos Deus pelas lentes da visão humana e Lhe atribuímos a nossa forma e valores. Isso nos tem levado a fazer Deus à nossa imagem e semelhança.

Ainda baseado em Emmanuel, nos tempos ancestrais Deus tinha a forma da brutalidade que nos caracterizava como seres altamente instintivos e grandemente animalizados. A nossa condição primitiva fazia-nos idealizar um deus compatível com a rudeza daquele modo existencial, onde a sobrevivência diária condicionava o relacionamento com a divindade. Dessa forma, se a vida nos parecia cruel e brutal, o senhor daquela vida deveria ser, igualmente, cruel e brutal. Por conseguinte, tudo que se relacionava com esse deus era cruel e brutal. Não ansiávamos amá-lo, mas temê-lo. Não ousávamos pedir-Lhe nada porque, em nosso parco entendimento, Ele não nos dava nada. Assim, barganhava-se com Deus utilizando nas oferendas aquilo que nos era mais caro: o sangue. O sangue de um ser vivo, humano ou não, parecia-nos o máximo de doação que se podia fazer para agradá-Lo e fugir, assim, dos Seus castigos caprichosos. Foi assim que a nossa ignorância, aliada à necessidade de sobrevivência, alimentou o nosso imaginário com a imagem de um deus antropomórfico, que sucumbia aos atrativos das nossas oferendas e promessas. Para o homem primitivo, Deus tinha a forma da vida que viviam com todas as suas necessidades.

Na esteira do tempo, fomos abandonando a nossa condição de ignorância original e aprimoramos a inteligência e o raciocínio, deixando para trás a fase do instinto absoluto; aprendemos a tirar proveito das sensações proporcionadas pelo intelecto, que despertava como parte do processo de evolução espiritual que nos é imposto

Nessa fase, entregamo-nos às corrupções inerentes à nossa materialidade, em detrimento do espírito que colheria nas dobras do tempo as consequências desse período de semeadura



irresponsável. Conduzidos, muitas vezes, pelo egoísmo utilitarista que historicamente nos caracteriza, tentamos barganhar com Deus benesses que só o verdadeiro sentimento é capaz de nos favorecer. Já não oferecemos mais sacrifícios banhados à sangue. A nova tática de barganha é a hipocrisia representada pelo apinhamento de fiéis nas casas religiosas, numa tentativa insana de aparentar virtudes que ainda não temos, esquecendo-se de que Jesus já denunciara essa prática entre os fariseus de Sua época, classificando-os como sepulcros caiados. Nesse sentido, esclarece-nos Lázaro que *“em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor...”* (LÁZARO. E.S.E. Cap. XI, item 8).

Atualmente, experimentamos mais um período do milenar processo de educação do espírito, onde tudo se mistura num cadinho de instintos, sensações e emoções. Com um pouco de boa vontade podemos perceber em nós características de cada uma dessas fases. Ora agimos instintivamente, ora nos deixamos sucumbir aos prazeres que as sensações nos facultam e ora nos elevamos ao nível das emoções, que nos faz aproximar de Deus mediante reflexões, atitudes e comportamentos que nos possibilita vislumbrar o ponto delicado do sentimento: o amor.

Assim, o momento atual auspiciosamente nos favorece a oportunidade de corrigir em nosso imaginário a imagem de Deus pela mudança do foco das nossas necessidades, que não mais se deve prender à sobrevivência da matéria, mas à promoção do espírito no rumo da angelitude e da luz. Essa é a nossa atual e premente necessidade: sermos Luz! E a Luz é a imagem que, por similaridade, mais se aproxima da forma de Deus.

Ricardo Honório

Jornal Brasília Espírita, Mai/Jun 2018

¹ XAVIER, F. C. Emmanuel (Dissertações mediúnicas sobre importantes questões que preocupam a Humanidade), p. 87.

AMAPARO DIVINO

Diante dos sofrimentos maiores, foste forte, sentiste a presença divina e não duvidaste da proteção superior.

Prossegue com a mesma confiança diante de problemas menores, que sempre estarão presentes na tua vida.

Levanta a cabeça e enfrenta, com ânimo, tudo que se apresentar na tua rotina diária. Nunca estarás livre de pequenos entraves, mas sempre estará à tua disposição a ajuda superior.

Tens protetores espirituais, amigos incondicionais, tens o teu anjo de guarda. Deles só podes esperar solidariedade, compreensão e colaboração total.

Não deixes de ter bastante objetividade em tuas preces. Pede a Deus exatamente aquilo de que mais precisas. Ele julgará o que te é mais útil.

Busca aquilo que pretendes alcançar, sem receios, sem dúvidas.

Deu te concederá, segundo os teus merecimentos.

Hilda Alonso

Pelo Espírito Hilda Pereira Magalhães
Conselhos Úteis, p. 161



Informativo do Grupo Espírita Peixotinho - Ano XIV - nº 141 - Maio/2018

Reuniões semanais às segundas-feiras de 12:30h às 13:20h no

Auditório do Grupamento de Apoio de Brasília - GAP-BR - Subsolo do Anexo, Esplanada dos Ministérios - Bloco M

Visite nosso site: www.grupopeixotinho.com.br

email: grupopeixotinho@gmail.com.